

CONTRA O FASCISMO E CONTRA MUSSOLINI: AS ESTRATÉGIAS DOS SOCIALISTAS ITALIANOS DE SÃO PAULO NA LUTA CONTRA O FASCISMO, 1923-1934

João Fábio Bertonha

Introdução

Entre 1923 e 1942, os fascistas italianos agiram sistemática e consistentemente na tarefa de conquistar os corações e as mentes dos italianos e seus descendentes que habitavam o Estado de São Paulo.¹ Seu esforço foi, de fato, intenso: ampliação da rede consular, implantação de organismos fascistas (como os 'Dopolavoro' e os 'fasci all'estero') em São Paulo, conquista da imprensa, das associações e das escolas italianas (...) O fascismo não poupou tempo e dinheiro na conquista da coletividade italiana de São Paulo.²

Desde cedo, porém, a colônia italiana viu despontar a resistência contra essa ação dos homens de Mussolini. Surge o movimento antifascista. Anarquistas, comunistas, republicanos, liberais (...), os antifascistas italianos de São Paulo formaram uma ampla rede de organismos e jornais dispostos a tentar deter a avalanche fascista, rede que mereceria ser mais conhecida e estudada.

¹ Nota-se que a propaganda fascista também visou a outros estados brasileiros e a outros países de imigração italiana. Nós nos restringiremos, por razões óbvias, ao Estado de São Paulo. Para informações bibliográficas sobre a relação dos italianos de outros lugares com o fascismo, vide nossa dissertação de mestrado: *O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30*. Campinas: Unicamp, 1994, especialmente capítulo 1.

² Sobre esse esforço, vide nossa dissertação de mestrado, citada, capítulo I, e Ângelo Trento. *Do outro lado do Atlântico - um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989.

Dentre esses antifascistas, o grupo mais representativo foi o dos socialistas. Organizados em diferentes grupos (como veremos a seguir), os socialistas italianos formaram, de fato, o principal grupo antifascista italiano em ação em São Paulo, grupo que articulava, pela adesão ou pela oposição, os outros antifascistas.

Muito resta a ser estudado sobre a ação desses socialistas no Brasil.³ Um dos pontos mais interessante de discussão, porém, é a análise específica de seu combate, via jornais, com os fascistas italianos de São Paulo. É muito curioso, de fato, tentar ver o seu discurso, as suas táticas de luta não como curiosidades incompreensíveis surgidas das idéias de seus líderes, mas como estratégias cuidadosamente pensadas de oposição ao seu outro, o fascismo.

Trabalhar com este tema — as táticas e estratégias da luta antifascista dos socialistas italianos de São Paulo — é muito oportuno, de fato, no sentido de permitir que se levantem elementos para a compreensão do porquê das derrotas e vitórias destes antifascistas e sobre o contexto em que eles estavam inseridos. Pensado de forma a tentar realizar esse exercício, este texto aborda as táticas que os socialistas italianos de São Paulo usaram para combater a tenaz propaganda fascista e tentar atrair o apoio da opinião pública brasileira e da colônia italiana para si, o que muito pode nos revelar sobre o próprio contexto político e social do Brasil naqueles anos.

Ressalte-se, porém, que mesmo entre esses socialistas havia divisões, que também devem ser levadas em conta em nosso trabalho. Realmente, os antifascistas socialistas italianos de São Paulo acabaram, com o tempo, se dividindo em dois

³ Sobre esse grupo, seu ideário, penetração social, divisões, etc. vide nossa dissertação de mestrado citada.

grandes grupos: o de Antonio Piccarolo e de Mario Mariani, ligados à Concentrazione d'Azione Antifascista de Paris e ao grupo do conde Francesco Frola.⁴ Serão as técnicas desses socialistas (com suas igualdades e diferenças) que veremos neste texto.

É nossa pretensão, assim, que este artigo nos permita identificar alguns pontos focais da luta fascista/antifascista na conturbada São Paulo do entre guerras e que ele colabore para o aumento de nossos conhecimentos sobre essa luta que tanto marcou a coletividade italiana de São Paulo naqueles anos e que merece, dada a sua importância, uma atenção maior da historiografia sobre o período.

O apoio brasileiro

Além de divulgarem suas idéias, críticas e propostas, os antifascistas socialistas que estudamos procuravam dar conta, em seus jornais, de duas tarefas centrais: conquistar a simpatia dos brasileiros para a sua causa e manter a colônia italiana avessa ao fascismo. O grau de prioridade dessas duas tarefas pode ser melhor avaliado se nos lembrarmos que as suas esperanças de vitória contra o fascismo, a curto prazo, residiam justamente na obtenção da simpatia dos governos do mundo e na manutenção do caráter democrático das colônias italianas do exterior.⁵ Sendo assim, utilizam-se inúmeros artifícios e técnicas de divulgação, algumas das quais convém estudar em detalhe.

⁴ Sobre essa divisão, vide nossa dissertação de mestrado, citada, e nosso texto "Aliados e inimigos: Piccarolo, Frola e a luta antifascista italiana no Brasil". *Boletim do Centro de Memória da Unicamp*, no prelo.

⁵ Sobre isto, ver nosso texto "O antifascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20". *História e perspectivas*. Uberlândia, no prelo.

A primeira técnica que os antifascistas⁶ usam para conquistar a simpatia dos brasileiros é a sua firme denúncia do caráter imperialista e agressivo das atividades fascistas em São Paulo. Eles denunciam tais atividades como os primeiros passos de um plano já estabelecido de criação de um império fascista na América do Sul,⁷ e colocam a si mesmos na linha de frente de defesa da soberania e da dignidade brasileiras violadas pelo fascismo:

Fanfulla e Piccolo pretendem induzir a Associação de Imprensa Brasileira a intervir para esclarecer as acusações movidas contra o fascismo e a sua nefasta ação neste país. Estamos de acordo. Mas queremos estar também nós lá para darmos as provas da obra delituosa do fascismo nesta terra, seja como causador de discórdia no seio da colônia, seja como atentador à dignidade e à independência do Brasil.⁸

Também a luta pela 'brasilidade' assume um papel importante na argumentação antifascista: é feita toda uma defesa do fim da dupla nacionalidade,⁹ da necessária absorção dos imi-

⁶ Cumpre ressaltar de novo que esse texto se refere ao antifascismo socialista como um todo, abarcando as correntes de Piccarolo, Mariani/Cilla e Frola. As especificidades existentes entre eles, em termos de táticas e estratégias, serão abordadas no decorrer do texto.

⁷ Vide "Fissando Responsabilità". *Il Risorgimento (IR)* 10. 15/5/192X. "Invasão fascista no Brasil". *IR* 18 20/9/1928. Vide também "Frola recebido pela Maçonaria Brasileira". *La Difesa (LD)*, 111/12, 23/12/192. "Le camicie nere alla conquista del Sud America". *LD*, V/201, 22/1/192X. "L'invasione fascista in Sud America". *Folha da Manhã*, 1/1/1928, e muitos outros. *La Difesa* (1923-1934) e *Il Risorgimento* (1928-1930) são os principais jornais dos antifascistas socialistas em ação em São Paulo.

⁸ Cabeçalho do *IR* 23/5/1929. Ainda sobre a 'defesa da dignidade brasileira' vide "L'azione antibrasiliana del fascismo". *LD* IV/195, 11/12/1927. "Dai nostri corrispondenti". *LD*, IV/198, 1/1/1928. "Il fascismo in Brasile. Pugnate nella schiena". *LD*, VI/270, 21/7/1929.

⁹ Vide Antonio Piccarolo. "La vecchia questione della nazionalità". *IR*, 11/31, 7/2/1929.

grantes no novo país¹⁰ e outros pontos,¹¹ todos confluindo para o mesmo fim: demonstrar a fidelidade dos antifascistas ao Brasil, em oposição aos atos indignos e subversivos do fascismo, em sua luta para preservar a italianidade da colônia.

É ainda em nome desta fidelidade que se procura desmistificar todo um esforço do fascismo em dissociar a sua propaganda de um caráter antinacional. Este tipo de propaganda, que não foi exclusivo do Brasil,¹² fica muito evidente, seja em memórias escritas ou em entrevistas com ex-participantes do cerimonial fascista em São Paulo,¹³ seja, por exemplo, nos discursos que o cônsul Serafino Mazzolini fazia, por esta época, às crianças das escolas italo-brasileiras.

Amem, ó crianças, a Itália que nos servimos em humildade com ardor tenaz, a Itália que ilumina com a luz de sua civilização milenar os caminhos do mundo (...)

¹⁰ Vide "A proposito di lotte coloniale". *IR* 6, 16/3/1928.

¹¹ Vide, por exemplo, a pronta solidariedade do *La Difesa* com a indignação de diversos jornais e políticos brasileiros com a pretensão fascista de que os filhos dos italianos de São Paulo fossem educados como italianos e fascistas e não como brasileiros. Veja-se, a respeito, "La protesta della stampa brasiliana. La difesa della nazionalità brasiliana contro le insidie del fascismo". *LD*, V/229, 5/8/1928. "I giudizi della stampa brasiliana sulla protesta della "Lega Antifascista". *LD*, V/230, 1 2/8/1928. "Da Porto Alegre. Il discorso di un brasiliano al sig. Piero Parini". *L'Italia*, 21/12/1931.

¹² Luigi Bruti Liberati ("La comunità Italo-canadense tra le due grandi guerre". Em: Bezza, B. *Gli italiani fuori d'Italia*, Milão: Franco Angeli Editore, 1983, 397-418), por exemplo, menciona o hasteamento do pavilhão italiano ao lado do Union Jack e o entoar dos dois hinos nacionais nas cerimônias fascistas no Canadá.

¹³ A senhora Cezira Curty, participante das cerimônias fascistas em Campinas nos anos 30 e que nos deu um depoimento (18/5/1992), nos confirma esse esforço: hasteamento da bandeira brasileira ao lado da italiana, presença contínua de autoridades locais no fascio, etc. Julia Scarano ("Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto-italiana e os efeitos do 2º Conflito Mundial". *Colonização e Migração, Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, SP, 1969) também faz referências a este respeito.

E, pequenas crianças, recordem sempre que, ao lado da fé em Deus justo e poderoso, nenhuma fé é mais bela que aquela pela terra dos nossos avós, pela nossa terra.

Mas junto à Itália amem e respeitem o Brasil. Este nobre e grande país que nos hospeda, no qual o anjo loiro Giuseppe Garibaldi levou, em momentos de sacrifício e de glória, a paixão e o arrojo itálicos, e no qual os vossos pais trabalharam e trabalham, contribuindo enormemente para o seu progresso.

Itália e Brasil, hoje mais que nunca, devem ser acoplados nos seus corações, ó crianças. Carlo del Prete, o jovem herói, o mártir santo, une os dois países já irmãos no 'vínculo celeste' e com sua bela morte os estreita ainda mais. Sejam dignos dele, ó crianças, e honrem assim a Itália e o Brasil.¹⁴

É contra este tipo de discurso que os antifascistas procuram responder, citando as intromissões dos cônsules na vida brasileira, as injúrias a este país 'tão bom e hospedeiro', etc. Em resumo, os antifascistas acusam o fascismo de ter, com esse discurso, uma dupla cara: de um lado, ele se proclama amigo e admirador do Brasil, de outro, o provoca e ofende. Os antifascistas proclamam-se defensores desse país ultrajado:

O fascismo segue, no Brasil, um jogo duplo. Attolico, Mazzolini e todos os outros grandes emissários de Mussolini se proclamam fortemente amigos da nação brasileira, mas as palavras só servem para mascarar suas ações. Na realidade, o fascismo é inimigo do Brasil.¹⁵

Também notável nesse sentido é o esforço dos antifascistas em demonstrar como as atividades fascistas eram perniciosas e desrespeitosas ao Brasil enquanto as suas não representavam nem perigo nem desrespeito à nação brasileira.

¹⁴ Serafino Mazzolini. *Parole di Fede*, São Paulo: A. Tisi, 1929, pp. 36-38.

¹⁵ "Chiarificazioni necessarie - Fascismo e antifascismo dinanzi all'opinione pubblica brasiliana". *I.D.*, VI/271. 28/7/1929.

Nesse esforço de diferenciação, o foco da argumentação dos antifascistas era a negação do discurso fascista, o qual procurava colocar num mesmo plano todas as ações dos italianos no Brasil

Mas por que os brasileiros estão alarmados por causa da existência dos fâscios italianos, enquanto não se preocupam com as organizações italianas de outros partidos, do partido republicano e socialista?¹⁶

e restringir os seus efeitos à comunidade italiana. Tais efeitos seriam também positivos, em última instância, para o Brasil, pois, no caso de saírem do âmbito da colônia, poupariam o país de idéias subversivas disfarçadas de antifascismo:

Explicando as razões da propaganda fascista entre nós e da conseqüente necessidade das organizações fascistas, com ações restritas ao nosso ambiente colonial, dissemos que os efeitos de tal ação seriam, antes de tudo, a favor da situação (...) já que teria evitado o infiltramento insidioso entre os trabalhadores imigrados daquelas idéias subversivas que se disfarçam de um antifascismo incolor para enganar os incautos.¹⁷

Os antifascistas negam veementemente essa equiparação do fascismo com outros partidos italianos em ação em São Paulo: os fascistas seriam homens sem honra e sem lei, agindo contra as leis brasileiras, com o intuito de preparar a invasão fascista, enquanto eles, antifascistas, seriam respeitosos e inofensivos perante o processo de formação da nacionalidade brasileira. Ou, nas palavras de um jornalista brasileiro, que o *Il Risorgimento* faz suas, e que resumem exemplarmente o pensamento antifascista:

(...) uma das coisas que mais ameaçam comprometer as preciosas simpatias de que goza no Brasil a nossa coletivi-

¹⁶ Entrevista de Mazzolini no *Diário da Noite*, 23/6/1928.

¹⁷ Citação do *Il Piccolo*. "Nel fronte unico". *IR* 11/46, 23/5/1929.

dade e a tendência de uma parte, felizmente pequena, de nossos patrícios, de trazer aqui suas desavenças (...)

O Brasil não deve mesmo admitir em seu território movimentos políticos com finalidades no exterior. Mas este direito de censura não deverá ir ao ponto de constrianger certos exilados políticos a ocultar as razões de seu exílio, mesmo porque é natural que as comuniquem aos seus patrícios. Entre eles e os fascistas, que pregam doutrinas contrárias aos interesses nacionais, não há dúvida possível de escolha. São ambos, até certo ponto, indesejáveis. Mas os segundos são, evidentemente, piores. (...)

Aos primeiros, desde que respeitem as leis da nação que os acolhe, não seja justo negar o direito de discussão dos fatos políticos de sua terra, pois o que não se deve permitir é exatamente aquilo que o embaixador Attolico deseja e vem a ser aquele direito pertencente à facção fascista. (...)

Os fascistas não são tutores dos italianos residentes no exterior e que vivem à própria custa. Perante as leis brasileiras, são todos iguais e, se diferença os divide perante a simpatia nacional, é que uns são absolutamente inócuos perante a nacionalidade brasileira, e outros nocivos.¹⁸

Ainda nesse sentido, os jornais antifascistas posicionam-se sempre a favor do campo brasileiro quando da ocorrência de atritos ou discussões que envolvessem a questão nacional. É o que acontece em inúmeros momentos no *Il Risorgimento* e no *La Difesa*, quando eles transcrevem matérias contra o fascismo e de caráter nacionalista de *O Combate*, *Diário Nacional* e outros jornais e, mais explicitamente em setembro de 1928, quando estudantes paulistanos destroem a sede do jornal fascista

¹⁸ Vide Amaral J.B. de Souza. "A infiltração fascista no Brasil". *IR*, 8, 16/4/1928. Pedimos desculpa ao leitor pela citação tão longa, mas ela representa tão bem o pensamento antifascista sobre as diferenças com que o Brasil deveria ver a propaganda fascista e antifascista que preferimos correr o risco de prejudicar o estilo do texto e incluí-la na sua maior parte.

Piccolo, levando o *Il Risorgimento* à publicação de um Suplemento Especial solidarizando-se (ainda que criticando certos excessos) com eles.

Vemos, assim, como os antifascistas (seja os ligados a Piccarolo e Mariani, seja os do grupo Frola) criam toda uma rede discursiva visando demonstrar a falsidade da amizade que o fascismo procurava demonstrar no Brasil e como não seriam os fascistas, mas sim eles, antifascistas, os merecedores do apoio da opinião pública brasileira.

Esse esforço vai variar no decorrer do tempo, assumindo expressões diferentes conforme a variação de posições do 'centro' fascista no tocante às questões da emigração e da italianidade,¹⁹ os acontecimentos nacionais,²⁰ etc. A sua continuidade pelos diversos jornais antifascistas, no entanto, é um indicativo precioso do quanto era importante para os antifascistas a obten-

¹⁹ O final dos anos 1920 apresenta uma virada, momento em que o fascismo começa a tomar atitudes mais concretas em defesa da homogeneidade das comunidades italianas no exterior. Isso ocorre em todo o mundo, e São Paulo não é exceção: com a chegada do cônsul Srafinio Mazzolini em 1928, as atividades fascistas em São Paulo tomam um impulso nunca antes visto. Os antifascistas e a opinião pública brasileira terão que atuar com essa nova perspectiva.

Sobre as mudanças de atitude de Roma em vários locais, vide Philip Cannistraro. "Fascism and Italian americans in Detroit 1933-1935". *International Migration Review* 9: 29-40, 1975. Emilio Gentile. "L'Emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nazionalismo e del fascismo". *Storia Contemporanea*. XVIII 3: 355-39, junho/1986. Já sobre a chegada dos cônsules fascistas ao Brasil em 1928 e as alterações que isso provocou, vide Amado Luiz Cervo. *As relações históricas entre Brasil e Itália — O papel da diplomacia*. São Paulo/Brasília: Instituto Italiano de Cultura/Editora UnB, 1992, cap. 5.

²⁰ 1928 é realmente um ano, ao que tudo indica, em que a necessidade pelos antifascistas de defender a nacionalidade brasileira e se destacar do fascismo cresce. É um período, dada talvez à maior atividade fascista, de grande agitação nacionalista em São Paulo (o jornal *O Combate* está em plena guerra contra o fascismo, repisando a questão do respeito à nacionalidade; estudantes destroem a sede do jornal fascista *Piccolo*, etc), e a necessidade de resposta ao fascismo fica, assim, mais premente ainda.

ção do apoio brasileiro e o quanto a opção pelo fascismo por boa parte da comunidade italiana paulista não parece ter implicado (com exceção do período da II Guerra) a escolha Brasil ou Itália. Essa situação foi-nos indicada, pela primeira vez, por Philip Cannistraro, quando ele trabalha com o caso americano,²¹ e continuamente reconfirmada nos depoimentos de ex-simpatizantes fascistas de São Paulo, seja recolhidos por nós ou por outros. Julia Scarano, por exemplo, recolheu diversos depoimentos, onde os entrevistados afirmaram que mesmo sendo fascistas não desobedeciam as leis do país e que sempre seguiam a orientação do governo brasileiro. Um deles chegou até a afirmar:

Eu era italiano e fascista. Achava que Mussolini era um grande homem que governou a pátria e fez muito por ela. Os movimentos de antes da guerra eram autorizados pelo governo brasileiro. Aqui, em Rio Claro, marchavam juntos os fascistas de camisas pretas e os integralistas de camisas verdes.²²

Nosso trabalho com esse grupo de antifascistas parece confirmar, ao menos com relação ao período em que estamos trabalhando, a força que o apoio ou neutralidade do governo brasileiro deu ao fascismo.²³ Isso não apenas no campo instituci-

²¹ Philip Cannistraro. "Fascism and Italian Americans". Em: Renzo de Felice (org.). *Cenni Storielle sulla emi razione italiana nelle Americhe e in Australia*. Milão: Franco Angeli Editore, 1979, pp. 125-142.

²² Julia Scarano, *op. cit.*, p. 517.

²³ As relações entre os governos brasileiro e italiano eram, de fato, as melhores possíveis no entreguerras, o que também explica a dificuldade dos antifascistas em atingir o governo do Rio de Janeiro.

Sobre as boas relações Brasil/Itália, vide Amado Luiz Cervo, *op. cit.* e Ricardo Seitenfus. "Ideology and diplomacy: italian fascism and Brazil (1935-1938)". *Hispanic American Historical Review*, 64 (3): 503-584, 1984 e *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos. O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1985, parte 2, cap. 3. Vide também A. Albonico. "Immagine e destino delle comunità italiane in America

onal, mas também num sentido mais amplo: muitos ítalo-brasileiros parecem ter-se sentido tranqüilos para apoiar o fascismo sem se preocupar com a sua segunda metade do hífen. O contínuo — e aparentemente inútil — esforço desses antifascistas em mostrar como o fascismo era antibrasileiro é mais um indício nesse sentido.

Fechado esse parêntese, voltamos ao estudo das técnicas e procedimentos que os antifascistas aplicam para tentar atrair a simpatia dos brasileiros. Já vimos seu esforço em ter um comportamento 'honesto', simpático e confiável no tocante à questão nacional. O mesmo se repetirá, como veremos, no tocante à questão política.

Quando utilizamos o termo 'questão política', fazemos referência ao elevado esforço que os antifascistas fazem para parecerem confiáveis e respeitosos aos olhos do governo e da opinião pública brasileiras. Tal desejo se corporifica, nos jornais, em dois procedimentos-padrão: um esforço para que não houvesse confusão entre eles e os 'comunistas' ou 'subversivos' e um trabalho contínuo em mostrar à opinião pública o quão pacíficos e ordeiros eles eram.

Como podemos ver, a primeira técnica usada nesses jornais antifascistas para conseguir a aprovação brasileira é a sua firme recusa de serem confundidos com quaisquer movimentos que pudessem ser tachados de subversivos e especialmente de comunistas. Essa tática comum sofre, contudo, profundas variações, conforme o grupo que se estuda. Os concentracionistas (seja no período Piccarolo, seja no período Mariani) não hesitarão nunca em se declarar anticomunistas. O mesmo não acontecerá, como veremos, com o grupo Frola. Vejamos caso a caso.

Iniciemos pelos concentracionistas. Já tivemos oportunidade de tecer algumas observações a respeito das posições anti-comunistas manifestadas por Piccarolo e Mariani em outros textos,²⁴ e não vemos necessidade nem de retomar esse aspecto do seu pensamento nem de explicar como e por que ele se transmuta em um esforço de diferenciação: nada mais coerente e natural que eles evitem ser confundidos com movimentos que não representavam seus ideais.

Há, porém, mais a ser apreendido dentro desse discurso antifascista. Ao utilizarem vários artificios, que veremos a seguir, para não serem confundidos com os comunistas, eles não estão apenas apresentando suas idéias, mas também respondendo a um discurso do fascismo paulista que procura utilizar essa questão politicamente sensível no Brasil do período — a do comunismo — para atrair dissabores ao antifascismo.

A primeira armadilha que o fascismo prepara para o antifascismo é aquela em que eles buscam enquadrar todos os antifascistas como subversivos e revolucionários em potencial, sendo merecedores, pois, do desprezo geral. Numa edição do jornal fascista paulistano *Piccolo* de junho de 1929,²⁵ os fascistas dizem que o perigo comunista existe no Brasil, mas que ele não seria representado por operários que se dizem comunistas, mas sim pelos intelectuais estrangeiros que aqui vêm para falar de liberdade e fazer antifascismo. Estes, sim, é que deveriam ser presos e expulsos.

A primeira resposta que o antifascismo socialista italiano deu ao fascismo nesse aspecto foi reafirmar ainda mais a sua incompatibilidade ideológica com o comunismo, criticando-o.

²⁴ Vide "O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20", citado.

²⁵ O artigo foi citado na coluna "Nel fronte unico". *IR*, II/49, 13/6/1929.

Tal crítica vai desde a consideração do ideal de sociedade comunista como uma utopia de exaltados e sonhadores (dado que a humanidade só estaria pronta para essa sociedade em milênios)²⁶ até a apreciação negativa de seus esquemas analíticos,²⁷ passando, inclusive, pela depreciação da Revolução Russa.²⁸ Quando necessário, porém, dispensavam-se estas sutilezas em favor da negação explícita da participação comunista no seio do grupo:

O Partido Comunista, pela mesma razão que não faz parte da Concentrazione de Paris, não pode pretender participar aqui da união de partidos, e menos ainda dirigi-la. Comunismo não é mais — se não pior — que o fascismo ao avesso, com os mesmos horrores, com todas as restrições individuais e coletivas; com a mesma, se não maior, ferocidade, dado que se baseia no predomínio das massas ainda incultas e, portanto, incapazes de lançar as bases da nova civilização que seus líderes pretendiam instaurar de supetão. É necessário ter a franqueza de dizer que o antifascismo não deseja, antes não quer, o apoio comunista. Para não perder tempo precioso, convém dissipar mais este equívoco e declarar abertamente que os partidos e os indivíduos querem subtrair-se a qualquer influência e até de qualquer suspeita de convivência comunista.²⁹

O artigo “Lezione di cose”³⁰ é ainda mais direto nesse ponto. Ele inicia narrando os acontecimentos do Primeiro de Maio em Berlim (revolta insuflada pelos ‘comunistas bolcheviques’ é sufocada pelo governo) e de como essa revolta geraria

²⁶ Vide “Per l’Unità antifascista”. *IR*, 11/27, 10/1/1929. Mariani chega a escrever (“Il senso della rivoluzione”. *LD*, VI/333, 30/11/1930) que o comunismo no Brasil seria, por definição, anacrônico.

²⁷ Vide Arturo Labriola. “Dall’Oligarchia all’fascismo”. *IR*, 1/23, 13/12/1928.

²⁸ “Immaturità”. *IR*, 1/24, 20/12/1928.

²⁹ Vide “Per l’Unità antifascista”. citado.

³⁰ “Lezioni di cose”. *IR*, 11/44, 9/5/1929.

uma onda repressiva sobre todos os preocupados com os trabalhadores, comunistas ou não.

Mostra, então, as diferenças socialistas X comunistas e proclama que cada qual deve viver separado e assumir sozinho a responsabilidade de seus atos. Os comunistas, porém, são agressivos e investem contra os adeptos da Concentrazione em todo o mundo. Isso é mau (os radicais fazem o antifascismo dividir suas forças), mas tem seu lado bom: mostra-se quem é quem. Se atos como o de Berlim se repetirem em São Paulo, todos saberão quem são os responsáveis.

Os antifascistas concentracionistas não se limitam, porém, a negar sua ligação com o comunismo, eles também são contundentes na demonstração de que não são eles, mas sim os fascistas, os merecedores da alcunha de 'subversivos'.

Esse esforço vai representar desde pequenas sutilezas, como a apresentação das boas relações URSS X Itália no fim dos anos 1920,³¹ até artigos longos e diretos ressaltando quem era o verdadeiro subversivo:

Eles quiseram, repito, aqui como em outros lugares, pintar os antifascistas como subversivos, igualando-os aos comunistas, enquanto bem sabiam que isto é redondamente falso. (...) todos sabem que os comunistas não fazem parte da Concentrazione antifascista que tem a sua sede em Paris. Por fim, aqui em São Paulo, se houve uma tentativa de infiltração de elementos que se diziam comunistas nas fileiras dos antifascistas, foram imediatamente afastados.

Os antifascistas de São Paulo tendem, na sua grande maioria, à República, e isto não pode ser considerado subversivismo em um país republicano e democrático. Antes, nesse regime, se e tido subversivo o comunismo, ainda mais deve sê-lo o fascismo. Não se

³¹ Vide vários artigos no *IR* 11/55, 25/7/1929 e especialmente o intitulado "Amori fascistico-bolcevisti" no *IR*, 11/50, 20/6/1929.

gaba o fascismo (...) de ser antiliberal, antidemocrático e anti-republicano? E isto não é fazer propaganda contrária aos princípios sobre os quais é baseado o regime brasileiro? Logo, é isto ou não subversivismo?³²

Note-se, a propósito, que mesmo esse esforço em particular tem um objetivo já certo: responder à propaganda da imprensa fascista de São Paulo, para quem: “nenhum esforço de engenhosidade conseguirá criar uma idealização, uma analogia, um termo de comparação entre duas coisas tão diversas e opostas como o fascismo e o bolchevismo.”³³

Por último, o antifascismo concentracionista busca negar ao fascismo uma de suas argumentações mais fortes: a de que ele teria salvo a Itália dos horrores do bolchevismo.

Esse crédito foi atribuído ao fascismo por Piccarolo no início do movimento, em 1922,³⁴ mas desde então todo um esquema é montado para demonstrar não só como o fascismo não precisou eliminar a ameaça bolchevique na Itália no início dos anos 1920 (já que ela nunca teria existido de fato) como ainda ele ajudou a criá-la:

O comunismo não foi absolutamente debelado pelo fascismo. Quando este apareceu, o perigo comunista já tinha desaparecido. As fábricas foram ocupadas em 1919, e nesta ocasião o fascismo ainda não existia. Não apenas isto, mas boa parte daqueles que mais tarde foram fascistas militava nesta ocasião nas fileiras bolchevistas (...)

³² Vide MC. “O fascismo é subversivo”. *JR*, citado. Note-se que esse artigo e vários outros com este caráter de “esclarecimento” da opinião pública estão em português, o que não é mero acaso. Para uma negação explícita de comunismo no período Mariani, vide “La petizione dell’avv. Barreto al Supremo Tribunale per l’habeas corpus a Mario Mariani” (*LD*, VI/311, 1/6/1930).

³³ Vide “Commentando un commento”. *LD*, III/63, 14/3/1926.

³⁴ Vide Antonio Piccarolo. “Cercando la verità (a rispetto di socialisti, comunisti e fascisti)”. *Il Piccolo*, 28/8/1922.

As tentativas bolchevistas foram frustradas pelas dificuldades encontradas em sua atuação e pela oposição do bom-senso dominante entre as classes trabalhadoras já educadas por decênios de preparação classista”.³⁵

Ao mesmo tempo que se nega esse ‘passado glorioso’ aos fascistas, procura-se demonstrar como o fascismo também não era necessário no presente, como barragem ao bolchevismo. A resposta a um discurso fascista como este é mais que clara: “A Itália, na mentalidade e na realidade fascista, surge hoje como barreira à invasão do bolchevismo. Não é o momento de discussão de teorias.”³⁶

É, porém, na seguinte resposta ao discurso do secretário do cônsul Mazzolini, Brancaleoni, que esse ‘jogo’ fascismo X antifascismo fica ainda mais evidente:

Depois veio o cav. Brancaleoni

Repete a mesma estorinha, confeccionada para uso dos fascistas, contra toda a realidade: O fascismo salvou a Itália do bolchevismo, suprimiu a luta de classes e criou a carta *del lavoro*, na qual os interesses dos operários se tornaram aqueles dos patrões.

Senhor Brancaleoni, o senhor não tem parentes mais próximos a quem contar estas estorinhas? O fascismo, é verdade, libertou a Itália do bolchevismo. Porque os mesmos bolchevistas que existiam na Itália, aqueles que ocuparam as fábricas, tornaram-se fascistas abandonando o bolchevismo, ou melhor, criando um outro bolchevismo, o fascismo italiano, muito mais perigoso que o bolchevismo russo.³⁷

³⁵ Vide A. Piccarolo. “Cercando la verità (a rispetto di socialisti, comunisti e fascisti)”. *LD*, III/85, 25/7/1928, e também os artigos de Antonio Piccarolo. “Espiazione”. *IR*, 2 16/1/1928, e Gaetano Salvemini. “O que é fascismo”. *IR* 1, 1/1/1928.

³⁶ O extrato é da entrevista do embaixador Attolico à Agência Brasileira. Reproduzido de “Nel fronte unico”. *IR*, 9, 1/5/1928.

³⁷ Pillo Rocca (Antonio Piccarolo). “Logorrea Coloniale”. *IR*, 9, 1/5/1928.

É interessante notar, por fim, que essa disputa entre fascistas e antifascistas em torno da questão do valor do fascismo como arma anticomunista começou cedo em São Paulo.³⁸ Realmente, desde cedo os antifascistas trabalham nessa tarefa de negação do discurso fascista, o que é compreensível, dada a prontidão com que os fascistas se ancoraram nesta questão do comunismo para ampliar seu prestígio. Já em 1923, de fato, o enviado fascista Ottavio Dinale dizia numa palestra em São Paulo: "A Itália caminhava direto para a ruína. Mas houve o fascismo que a salvou do bolchevismo."³⁹

Não é à toa que os antifascistas foram obrigados a reagir tão prontamente.

Note-se, também, que esse tipo de disputa não foi exclusivo do Brasil. Gaetano Salvemini, por exemplo, apresenta em um dos seus livros⁴⁰ a seguinte proclamação fascista

O fascismo salvou a Itália do bolchevismo. Se o bolchevismo tivesse conquistado a Itália, o impulso da revolução comunista teria sido irresistível e toda a Europa seria precipitada na desorganização econômica e na miséria. Salvando a Itália do bolchevismo, Mussolini salvou do naufrágio a civilização européia.

e nega, categoricamente, usando os mesmos argumentos dos socialistas reformistas de São Paulo, essas alegações vitoriosas do fascismo. Mais uma prova do esforço da imprensa concentracionista em se contrapor ao discurso fascista.

Vemos, portanto, como os antifascistas italo-brasileiros ligados à Concentrazione não cessavam nunca de proclamar o

³⁸ Vide a argumentação antifascista em "Fascismo e questione operaia" (*LD*, 1/2, 21/4/1923).

³⁹ Vide "Conferenza mancata e uomo liquidato", *LD*, 1/5 2/6/1923.

⁴⁰ Vide *La dittadura fascista in Italia*. Nova York: Nuovo Mondo, 1929, p. 11 e seguintes.

seu anticomunismo. Não é difícil explicar esse esforço pelo clima ideológico mundial e pela necessidade de resposta a um discurso antifascista que não cessava de tentar associar antifascismo e subversão comunista.⁴¹ E quanto a Frola? Este socialista, dotado de uma visão mais positiva do comunismo e defensor de uma política de frentes únicas que o levaria a se aproximar mais e mais da esquerda com o decorrer do tempo,⁴² não comportava um anticomunismo como o de Piccarolo e Mariani em seu ideário. Mas e como resposta ao discurso fascista? Será que Frola não sentia necessidade de rebater as acusações do consulado e da imprensa fascista?

Uma matéria do *Piccolo* de 1928 aumenta ainda mais a importância dessa questão, ao nos revelar a força e a intensidade dessa campanha fascista. Nessa matéria, dá-se notícia do atentado contra o cônsul italiano de Porto Alegre, Chiostrì, e conclui:

A notícia que nos transmite a Agência Americana se enquadra na infame propaganda subversiva que a tempos vêm fazendo, no Brasil, os elementos do fuoruscitismo pseudo-antifascista, que nós já denunciemos nesta coluna como panfletistas bolchevistas e embusteiros a soldo do comunismo internacional (...)

O fracassado atentado ao on. Chiostrì, frustrado pelo fortuito latido dos cães, é fruto da propaganda anarcóide daquela triste figura que desonra o nome italiano e que ultraja, insulta e viola a generosa hospitalidade do nobre povo brasileiro.

Pela enésima vez repetimos que a questão dos fuorusciti no Brasil constitui um problema de polícia. A colônia italiana quer trabalhar em paz e dedicar-se ao amor da família e da fé e vê com desgosto e horror as suas relações com o grande país que a hospeda perturbadas por um

⁴¹ "L'Anarchico Poci". LD. IV/193, 27/11/1927.

⁴² Vide nossa dissertação de mestrado, citada, capítulo 4.

grupo de sediciosos anarcóides que se disfarçam de antifascistas para mascarar os seus ideais comunistas.⁴³

Vê-se que o ataque da imprensa fascista não tinha nada de sutil. Parece claro que Frola teria que dar algum tipo de resposta, ainda mais porque as acusações de 'comunista' parecem ter sido muito mais fortes com relação a Frola que com Piccarolo ou outros líderes do antifascismo.⁴⁴ Frola tinha, a nosso ver, que responder, e procuramos sinais dessa resposta no *La Difesa*.

Mais uma vez, porém, o objeto histórico não corresponde aos desejos do historiador. Frola vai negar, claro, que é comunista e fazer algumas críticas leves a ele. Não vão aparecer, porém, traços de maior anticomunismo nem sequer como resposta ao discurso fascista.⁴⁵ Um outro sinal, talvez, de que a política de alianças de Frola estava acima de tudo em seu pensamento, acima até mesmo da necessidade de responder ao fascismo.⁴⁶

⁴³ "Gli auto-attentati dei consoli fascisti. Chiostrì imita Man malella". *LD*, V/235, 16/9/1928.

⁴⁴ Note-se que não era apenas o discurso fascista que procurava enquadrar todos os antifascistas como subversivos comunistas. Parece que, apesar de todos os esforços antifascistas, esta também era a opinião do governo e de boa parte da opinião pública brasileira. Em 1942, por exemplo, um jornalista brasileiro escreverá a respeito:

quem se levantasse para mostrar ao país o perigo que o fascismo representava para a nossa segurança seria, desde logo, acusado de comunista, pois não se admitia um antifascista que não fosse vermelho, filiado ao Kominten.

Vide Elvaldo de Alarcon. *E o sangue brasileiro correrá ...* Porto Alegre: Du Barry, 1942. Ele se refere especificadamente aos nazistas, mas não resta dúvida de que seu comentário também se aplica aos italianos.

⁴⁵ A única exceção é a recusa de que o fascismo tivesse salvo a Itália do bolchevismo. Vide Francesco Frola. "Truffa Sanguinosa". *LD*, III/116, 18/11/1926 e "Il fascismo ha salvato l'Italia dal Bolscevismo". *DL*, V/242, 6/1/1929.

⁴⁶ De qualquer maneira, a propaganda fascista deve ter calado fundo na polícia brasileira: Frola foi continuamente obstado pela polícia em diversas de suas cerimônias e conferências (o que nunca ocorreu com Piccarolo). Ele foi preso, além

O esforço de contraposição à imprensa fascista no tocante ao comunismo e suas múltiplas nuances estão, nos parece, mais que claros. Dentro desse mesmo esforço se localiza, a nosso ver, a sua argumentação de que eles, antifascistas, seriam pacíficos e ordeiros, enquanto os fascistas seriam terroristas e perigosos. É uma resposta mais que clara a um discurso fascista que não só proclama aos brasileiros a eliminação do antifascismo como pré-requisito-chave para restabelecer a ordem e cessar as disputas na colônia: (em vez dos fascimos), “eliminam o antifascismo, sustentado por gente sem pátria, sem fé e sem conhecimento do fascismo, e terão a ordem, a paz e a disciplina também no exterior”,⁴⁷ como quer fazer a identificação do antifascismo com a violência e o terrorismo: “A destruição é a única obra dos antifascistas, e a arma que eles adotaram é a bomba. Não são necessárias muitas palavras para identificar o antifascismo.”⁴⁸

Nesse sentido, os antifascistas (tanto os ligados à Concentrazione como os relacionados com Frola) fazem todo um esforço para negar quaisquer relações com atos terroristas dentro e fora do Brasil,⁴⁹ para mostrar que, ao contrário do que o fascismo proclamava, eram os fascistas os naturalmente selva-

disso, várias vezes e, em 1935, foi encarcerado no navio *D. Pedro I* acusado de ser líder da insurreição comunista. Sinal claro de que sua defesa não teve grande sucesso diante do governo brasileiro.

Para esses dados, vide Franco Andreucci, op.cit., e Francesco Frola. *Sangue e petróleo*, citado. Ver também o prontuário número 1014 (“Francesco Frola”) do Arquivo do Estado de São Paulo/Departamento de Ordem Política e Social (AESP/DOPS).

⁴⁷ Extrato de um artigo de “Flit” no *Piccolo*, em maio de 1929. Citado em p.b. “Cose che fan ridere”. *IR*, II/44, 9/5/1929.

⁴⁸ Entrevista do embaixador Attolico à Agência Brasileira. Citado em “Nel fronte unico”. *IR*, 9, 1/5/1928.

⁴⁹ Vide a resposta sem título do *IR* (X, 16/4/1928) às declarações de Mussolini culpando os antifascistas pelo atentado contra o rei em Milão.

gens⁵⁰ e para ressaltar seu pacifismo,⁵¹ respeito às leis e absoluta neutralidade diante dos assuntos brasileiros:

Quando iniciamos a nossa batalha política, formulamos uma espécie de Declaração de Princípio.

Os dois primeiros parágrafos desta declaração são os seguintes:

1º - Os antifascistas, hospedados no Brasil, não assumem posicionamentos políticos com relação à política interna brasileira. Eles são movidos, com relação ao generoso país que os acolhe, de um único sentimento: o do reconhecimento.

2º - Os antifascistas são obedientes e respeitosos às leis e costumes brasileiros, a eles se reportam em todas as circunstâncias.⁵²

Por mais teóricos que tais procedimentos sejam,⁵³ eles são interessantes, ao demonstrar o inter-relacionamento das redes de propaganda fascista e antifascista em São Paulo. Outra demonstração nesse sentido pode ser buscada na disputa fas-

⁵⁰ No artigo "Il 1º Maggio de SP" (*IR*, 11/44, 9/5/1929), os antifascistas denunciam como uma das suas cerimônias foi perturbada pelos fascistas e perguntam quem é o agressor, já que são sempre eles, antifascistas, os agredidos.

⁵¹ Vide "Dichiarazione" (*LD*, IV/186, 9/10/1927), onde os antifascistas respondem a uma campanha fascista para induzir o governo brasileiro a bloquear os jornais antifascistas por serem subversivos, e Francesco Frola. "Provocazioni fasciste" (*LD*, IV/146, 13/3/1927), onde Frola recomenda aos antifascistas resistirem às ofensas e agressões e manter o pacifismo, de forma a desarmar as acusações fascistas de que os antifascistas seriam perturbadores da ordem pública, e manter o apoio brasileiro.

⁵² Vide, entre outros, "Dolorosa costatazione" (*LD*, III/45, 8/11/1925) e "I primi frutti della prepotenza fascista" (*LD*, III/96, 2/9/1926). Vide também "La scuola del delitto", *LD*, IV/136, 3/2/1927; Francesco Frola. "Apologia di reato (11 delitto di Itu)", *LD*, IV/138, 10/2/1927 e "Il Brasile infrange i tentativi criminosi del fascismo" (*LD*, V/212, 8/4/1928), onde se tenta comprovar a solidariedade brasileira diante das agressões fascistas.

⁵³ A política de "não-interferência" nos assuntos brasileiros não impediu, de fato, a união de Frola com outras forças políticas brasileiras na sua luta contra o fascismo, e nem bloqueou o fervoroso apoio de Mariani à Revolução de 1930.

cismo X antifascismo pelos 'notáveis', a qual é tão reveladora da dinâmica desta disputa que convém analisar em detalhe.

Em primeiro lugar, é interessante notar como os fascistas também estão na mesma busca pela respeitabilidade e apoio da opinião pública brasileiros que os antifascistas demonstraram seguir. Para isto, eles recorrem, entre outras coisas, a entrevistas com personalidades eminentes que acabam de chegar da Itália, dizendo maravilhas do novo regime italiano.⁵⁴ Com essas opiniões positivas, os fascistas têm fundamentação para completar seu raciocínio: é espantoso que ainda existam italianos antifascistas quando até os estrangeiros são admiradores de Mussolini.⁵⁵ Os fascistas colocam o fascismo, portanto, como algo notável admirado por todos e que só gente de má-fé poderia recusar.

Os antifascistas respondem imediatamente a esta propaganda. De um lado, apresentam entrevistas com operários ressaltando as tristes condições da Itália.⁵⁶ Também denunciam as artimanhas do *Piccolo* para fazer com que seus entrevistados — brasileiros e estrangeiros — falem bem do fascismo.⁵⁷ Desqualificam tais entrevistas como parciais, conduzidas, etc⁵⁸ e apresentam seus próprios 'notáveis'.⁵⁹ Por fim, fazem quase um

⁵⁴ Vide, por exemplo, a entrevista do Dr. Salles Jr. ao *Piccolo*, citada em "Non è così", citado.

⁵⁵ É o comentário do *Piccolo* à entrevista dada pelo dr. João Sampaio ao *O Estado de S. Paulo* e reproduzida pelo *Piccolo*. Citada em Antonio Cimatti.

⁵⁶ "Ricambiando i consigli del Piccolo" (*LD* III/68, 18/4/1926).

⁵⁷ Ego Sum. "Una intervista proletaria". *LD*, III/77, 20/6/1926.

⁵⁸ "Il cane di guardia". *LD*, III/81, 11/7/1926.

⁵⁹ "Le captive azioni del signor Arturo Trippa". *LD*, III/75, 3/6/1926.

⁵⁹ Vide "Opinioni di illustri brasiliani e favorevoli commenti della stampa". *LD*, VI/311, 1/6/1930. onde aparecem as declarações de quinze eminentes jornalistas defendendo Mariani, na época em processo de expulsão do Brasil sob acusação de comunismo.

apelo para que os brasileiros não acreditem nas mentiras fascistas.

Nós, italianos do exterior, *fuorusciti*, perseguidos, vítimas da mais feroz tirania existente em todo o mundo, não pedimos nada aos estrangeiros além de hospitalidade e de equanimidade nas suas opiniões sobre a nossa infeliz pátria. Pedimos que antes de se pronunciarem examinem os fatos e desçam mais a fundo no estudo das coisas italianas do que pode permitir uma viagem feita com toda a pressa entre uma noitada no teatro ou uma função na Basílica de São Pedro. Pedimos que se informem, não apenas, que as fábricas trabalham e os trens correm, mas se a justiça corre e se o respeito à vida humana, à liberdade e aos direitos adquiridos, naturais e imprescindíveis, é observado.⁶⁰

Pudemos perceber, assim, como o choque fascismo e antifascismo pela disputa do apoio brasileiro é uma continuidade, com os temas e tópicos variando no decorrer do tempo,⁶¹ mas mantendo uma linha condutora básica a busca da respeitabilidade e do apoio brasileiro.⁶²

Pudemos perceber, assim, como existe toda uma trama discursiva elaborada pelos antifascistas com base em seus conceitos e visões de mundo, com vistas a descaracterizar o discurso fascista e passar uma imagem de 'confiável', seja em termos nacionais, seja em termos políticos, à opinião pública e governo brasileiros.



⁶⁰ "Le cattive azioni del signor Arturo Trippa", citado.

⁶¹ A disputa pelos 'notáveis', por exemplo, é mais intensa na primeira metade da década de 1920.

⁶² Não é espantoso, na realidade, que os antifascistas desejem tanto o apoio brasileiro. Isolados no exterior, eles necessitam de todo o apoio e simpatia que eles possam conseguir. E isso não apenas para sobreviver, mas também para formar as alianças que ajudariam a isolar e a derrubar o fascismo.

Esse, porém, não é o único objetivo da propaganda antifascista. Por definição, ela também se propõe a conquistar a colônia italiana de São Paulo e mantê-la avessa ao fascismo. Isto gerou um grande embate com os fascistas, embate que convém estudar melhor.

A conquista da colônia

Além das críticas e denúncias que já vimos,⁶³ uma estratégia bastante comum que o antifascismo adota para investir contra o fascismo é a sua recusa em ver nele um movimento patriótico e a sua negação sistemática e continua das 'conquistas' fascistas.

Essa situação transparece sem dificuldades nas páginas dos jornais que estudamos. Procura-se apresentar a 'verdadeira' situação da Itália sob o regime fascista: o desabar da economia e da situação social,⁶⁴ o militarismo inconseqüente,⁶⁵ o fracasso

⁶³ Apenas uma nota explicativa: Elaboramos uma divisão entre as táticas mais diretamente ligadas à obtenção do apoio brasileiro com aquelas relacionadas à conquista da colônia. Sabemos, no entanto, que essa divisão não é assim tão rígida: diversas das táticas utilizadas pelos antifascistas em seus jornais servem para ambos os objetivos, sendo a divisão feita aqui meramente didática.

⁶⁴ Vide, entre muitos outros, "Tassati e Tartassati". *IR*, II/44, 9/5/1929; "Gli indizi della situazione econômica" (*LD*, V/234, 9/9/1928); "Il fascismo in cifre. Breve rassegna di alcuni indici economici". *L'Italia*, VII/391, 30/12/1931. Cumpre ressaltar, a propósito da contínua denúncia antifascista da real situação econômica italiana, que essa não é nem uma tática exclusiva dos socialistas italianos nem restrita ao Brasil. São abundantes, de fato, exemplos desse tipo de denúncia tanto nos jornais das sedes centrais da Concentrazione (como o *La Libertà*) como nas obras de outros antifascistas não-italianos (cf. Astrojildo Pereira, "Itália". *URSS, Itália e Brasil*, São Paulo: Novos Rumos, 1985. 1ª edição 1934), atuantes no Brasil no período.

⁶⁵ Vide Antonio Piccarolo, "A margine del discorsismo. La catastrofica politica del fascismo". *IR* V/23, 13/12/1928; "Militarismo dominante". *LD*, III/98, 5/9/1926; "Il fascismo, dopo aver rovinato l'Italia, minaccia la pace d'Europa" (*LD*, V/200, 15/1/1928), e muitos outros.

continuo em todas as 'batalhas' em que o fascismo se envolve (da natalidade do trigo, etc⁶⁶), etc. É um esforço que não reflete apenas a percepção do jornal sobre a situação italiana, mas indica também a necessidade que os antifascistas têm de combater a propaganda fascista no Brasil, a qual se esforçou muito nos anos 1920 e 1930, para criar uma aura de prestígio em torno de si, ressaltando as suas conquistas e a criação de uma nova era para a Itália.⁶⁷

Esse tipo de propaganda atravessa a maioria do material de época fascista que nos chegou às mãos: Almanques,⁶⁸ discursos,⁶⁹ livros diversos⁷⁰, etc. Mesmo em relação às crianças ítalo-brasileiras, o fascismo não perdia chance de ressaltar a grandeza e as vitórias da nova Itália:

A Nova Itália

Conhecedor profundo de todos os problemas políticos, econômicos, educativos do nosso país, Benito Mussolini se pôs a resolvê-los com sábia firmeza.

⁶⁶ Vide "Le Battaglie di "Managgia la Rocca". *IR*, II/53, 11/7/1929; "Le menzogne ufficiale". *LD*, VI/203, 5/2/1928; Mario Mariani, "Aquila que ele não dirá". *A Platéia*, 15/6/1931, e outros.

⁶⁷ Não importa realmente discutir se a aura de prestígio em torno da Itália nos anos 1920 e 1930 tinha uma base concreta: a imagem criada pelo regime era mais forte que a realidade, e é isso o que importa.

Sobre a real situação da Itália em tempos econômicos e militares, vide Paul Kenned. *Ascensão e queda das grandes potências - Transformação econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, pp. 282-289.

⁶⁸ Vide, por exemplo, o *Almanacco degli Italiani del Brasile*. São Paulo, 1936. Especialmente as páginas 55-61 e 175-180.

⁶⁹ Vide, por exemplo, os discursos do cônsul Srafinio Mazzolini em *Parole di Fede*, já citado.

⁷⁰ Para uma prova do volume de material fascista destinado ao Brasil, vide Ricardo Seitenfus. "As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939". Em: Luís de Boni. *A presença italiana no Brasil*, vol. 2. Torino/Porto Alegre: Fondazione (Giovanni Agnelli/EST, 1990, pp. 37-52, especialmente p. 40).

Não há setor da vida nacional que tenha permanecido inexplorado à sua aguda penetração e sobre o qual ele não tenha levado sua singular atividade.

Com a erradicação dos pântanos e lugares com febre amarela, o Governo fascista acrescentou milhares de hectares à terra agriculturável, e com a batalha do grão estimulou o aumento da produção de trigo.

No campo dos trabalhos públicos, além do acabamento do aqueduto pugliese, construíram-se numerosas represas nas montanhas para extrair energia elétrica (...)

Segundo as tradições imperiais de Roma, foram construídas estupendas obras, como estradas, portos, canais de irrigação, edifícios públicos. Foram reordenadas as forças armadas (...)

Nenhum país conseguiu em tão pouco tempo progressos tão notáveis e rápidos como a Itália fascista. Sob a liderança do Duce, o Fascismo, que é acima de tudo religião da Pátria, vontade heróica de grandeza, profundo senso de dever, deu à Itália ordem, fervor de vida operosa, segurança interna e externa.⁷¹

Esta luta fascismo X antifascismo no campo do discurso e da propaganda está, pois, mais que clara. Ainda dentro desse conflito resta abordar, porém, três 'conquistas' sobre as quais a propaganda fascista fez muita ênfase, que tanto o antifascismo de Frola como o concentracionista procuram responder, e que merecem atenção maior o fato de o fascismo ter salvo a Itália do bolchevismo o fascismo como resolutor das questões sociais e o fascismo como agente de resgate do prestígio italiano no exterior.

Em relação ao primeiro tópico, acreditamos que já escrevemos o suficiente no item anterior. Já no tocante à argu-

⁷¹ O extrato origina-se de Direzione Generale Degli Italiani All'Estero. *Storia e Geografia per la V Classe Elementare*. Roma, 1937, cartilha utilizada nas escolas fascistas de Salto/SP, sendo apenas um exemplo desse esforço de propaganda fascista.

mentação fascista de que o regime de Mussolini teria resolvido as questões sociais, podemos localizar um exemplo do contradiscurso antifascista nessa citação:

Quando afirmamos repetidamente, comentando a Carta del Lavoro, que este solene tijolo jurídico social (que, segundo os jornalistas fascistas, deveria esmagar o valor histórico da proclamação dos direitos do homem) não é nada mais que a codificação do arbítrio patronal contra o proletariado, não dissemos nada além que uma pequena parte da verdade. A Carta del Lavoro é a arma para a redução a nome dos operários submetidos aos industriais e latifundiários italianos, que deles podem usufruir ad libitum; e o acorrentamento de que trabalha aos pés de quem não tem freios na ânsia de ganhar: “É a supressão absoluta de quaisquer direitos para os operários”.⁷²

Não resta dúvida de que artigos desse tipo objetivam expressar a opinião dos antifascistas sobre assuntos candentes do período. Mas que eles também buscam responder a uma propaganda fascista, como esta é inegável.

Na Itália, em vez disso, o operário está garantido e tem nas suas organizações reguladas e reconhecidas pela lei e nos seus representantes nos sindicatos, nas Confederações e no Parlamento seus seguros e zeladores defensores.

Na Itália, não ocorrem mais greves, não porque os operários sejam oprimidos, mas porque existe a instituição da arbitragem que julga com equidade e decide levando em conta os direitos das partes e aqueles da Nação.⁷³

⁷² “I primi effetti della Carta del Lavoro”. *LD*. IV/167, 29/5/1927. Note-se, aliás, que o texto do artigo assume tom e usa termos mais à esquerda que os textos do *Il Risorgimento*, no mesmo sentido. Para mais exemplos dessa contra-argumentação, vide “Le organizzazioni sindacali fascista” (*LD*, IV/132, 20/1/1927), “Nella Pattumiera” (*LD*, VI/257, 21/4/1929) e Mario Mariani. “A forma moderna de escravidão”. *A Platéia*. 13/6/1931.

⁷³ Artigo do *Fanfulla* citado em “Nella Pattumiera” (*LD*, VI/257, 21/4/1929).

O terceiro aspecto também não foge à regra. Os fascistas alegam que Mussolini recuperou o prestígio italiano no exterior, recebendo um contínuo contra-ataque da propaganda antifascista.⁷⁴ O discurso dos jornais antifascistas fica, assim, bem mais compreensível se tivermos ao lado o seu equivalente fascista. É também dessa maneira que podemos compreender um dos mais persistentes trabalhos que os jornais antifascistas se propuseram a fazer: o de demonstrar à comunidade italiana que eles, antifascistas, não eram traidores e que o termo 'Itália' não era equivalente ao termo 'Fascismo'.

O investimento feito pelo governo fascista para demonstrar o contrário foi realmente notável. Senhor de uma perspectiva que propunha solução para os problemas da emigração e italianidade, a identificação desta com o fascismo,⁷⁵ o regime de Mussolini fez, no Brasil, uma campanha incessante para demonstrar essa nova realidade (a Itália agora é o fascismo) e convencer os ítalos residentes no Brasil que a propaganda antifascista era, por tabela, antiitaliana e de má-fé. O cônsul Serafillo Mazzolini, por exemplo, assim se expressava:

Eu penso que não seja absolutamente necessário — e que seja antes, sob certos pontos de vista, danoso — que todos os italianos tenham a carteirinha do partido. Basta que eles, italianamente, trabalhem; basta que não esqueçam a Pátria longinqua para que sejam dignos do máximo respeito como fascistas militantes e ativos. A realidade do regime não se discute. Quem recusa o regime, especialmente nos confins do mundo, recusa a Pátria.⁷⁶

⁷⁴ Vide "Villaulia fascista". *LD*, VI/275, 25/8/1929 e, especialmente, "Dal regno del Papa". *LD*, VI/273, 11/8/1929.

⁷⁵ Vide Emilio Gentile, *op. cit.*

⁷⁶ Vide Serafino Mazzolini, *op. cit.*, p. 29.



Ou ainda, nas palavras do então fascista *Fanfulla*:

(...) as origens dessas contorções antiitalianas cabem, em grande parte, aos próprios italianos. Aos italianos que (...) prostituem o seu sentimento nacional para ver vitoriosa a sua opinião. O servilismo das suas almas — admitindo-se que tenham alma! — chega às raias do absurdo! Os estrangeiros utilizam-nos como uma mercadoria indispensável, mas não conseguem esconder a sua repugnância em manejá-la. Até os esgotos são úteis. Mas tapamos apressadamente o nariz quando a sua utilização se torna mais útil. Italianos como esses existem, infelizmente, em SP (...) As coisas mais torpes, em caricatura e em prosa, são traçadas e escritas por mãos italianas. Na veia desses maus italianos compatriotas corre o sangue dos que, através das páginas negras da história, se punham de acordo com o inimigo para tramar em detrimento da Pátria. Daqueles que gostariam de ver a Itália escrava e serva. Sangue de traidores; mentalidade de espiões.⁷⁷

Diante de uma propaganda desse tipo, o antifascismo procura se defender a todo custo, num trabalho contínuo de resposta ao discurso fascista. Este trabalho, que já se esboça em 1923⁷⁸ e que continua pelos anos 1930 adentro⁷⁹, é intenso tanto no *La Difesa* como no *Il Risorgimento* e se caracteriza pelo uso de diversos mecanismos discursivos que, dada a importância dessa questão para o antifascismo, convém apresentar em detalhe.

⁷⁷ “Commenti”. *Fanfulla*, 22/12/1925, citado em Angelo Trento. *Do outro lado do Atlântico - um século de imigração italiana no Brasil*, citado, pp. 355-356.

⁷⁸ Vide “Fascismo e Massoneria”. *Rivista Coloniale*. XIV/5 e 6 de março de 1923, p. 26.

⁷⁹ Vide dois livros de Antonio Piccarolo (*Livio zambecari — Apóstolo de liberdade na América e na Europa*. São Paulo: Tipografia Rossolillo, 1935 e *Valor histórico e moral de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1944), onde se ressalta, mais que nunca, a dissociação entre ser italiano e ser fascista.

Esse grupo de antifascistas tenta, antes de mais nada, fazer uma argumentação que comprovasse que o fascismo não representava a Itália:

Os nossos adversários não cessam de escrever: Vocês difamam a Itália! Nós, porém, acreditamos exercer, neste jornal, uma tarefa legítima que não é de difamação da Itália. Nós negamos que fascismo e Pátria sejam uma coisa só. O fascismo é uma casta política que se impôs e se mantém na Itália com métodos ilegais e violentos.⁸⁰

Ou ainda:

Fizemos já por mil vezes distinção entre o Partido Fascista e a italianidade. Nunca se deve confundir um partido com a nação. Quando um partido pretende ter o monopólio do patriotismo, não é mais um partido, é uma indecente máfia, é uma seita, é uma tirania odiosa (...)

Não confundam os judeus com os samaritanos (...). O fascismo é o fascismo e a Itália é a Itália. Uma coisa é um partido *per accidens*, chegado ao governo; outra é a nação, o país que é coisa permanente e superior aos partidos.

E vocês não têm nenhuma razão para dizer que não somos bons italianos. O vosso fascismo não conseguirá nunca se confundir com a Itália diante dos olhos dos justos.⁸¹

Aceito esse pressuposto de que Itália e fascismo não foram fundidos, eles vão além e passam a demonstrar que, ao contrário do que diz o fascismo, ser antifascista não significava ser traidor e antiitaliano,⁸² já que negar o fascismo seria, pelo contrário, a maior prova possível de amor à Itália:

⁸⁰ Vide "Non Confondialllo". *LD*, III/68, 18/4/1926.

⁸¹ Vide "Il dollaro e l'italianità". *LD*, III/54, 16/1/1926. Vide também Mario Mariani. "I consoli fascisti quali rappresentanti d'italianità". *LD*, VII/297, 9/2/1930 e "Fascismo e Vaticano". *A Platéia*, 29/5/1931.

⁸² Vide Doctor Alpha. "Due Patrie, due patriottismi". *IR*, 12, 16/6/1928.

Os fascistas sempre repetem que quem não é fascista não é italiano. Muitas vezes nós procuramos desmentir essa mentira. Podemos antes dizer que uma grande parte da nossa propaganda é destinada justamente à demonstração de que se pode ser, se deve ser, antifascista para ser um bom italiano.⁸³

Nesse ponto é interessante notar como o antifascismo de Frola e o dos concentracionistas não apresentam grandes variações de estratégia nesse aspecto. Nesse sentido, trabalhar com o antifascismo de Frola não nos trouxe novos dados. Apenas se reconfirmou como o antifascismo, seja qual fosse a sua linha política, tinha que responder a uma intensa propaganda fascista que associava a Pátria italiana ao regime fascista,⁸⁴ e se pôde obter exemplos de uma força e de uma rudeza ainda maiores dessa propaganda, no tocante a Frola. Em abril de 1928, por exemplo, Frola deveria falar em São João da Boa Vista/SP. Os fascistas da cidade divulgam, então, o seguinte manifesto:

Italianos

Tendo vindo ao nosso conhecimento que o ex-italiano Frola dará esta noite uma conferência no Teatro Municipal, se solicita a todos os amigos italianos, que conservam intacto o nobre sentimento de amor à Pátria, o não comparecimento à conferência do renegado, demonstrando todo o nosso desprezo ao denigrador sistemático de nossa Pátria.

⁸³ "Si puo essere buoni italiani ed antifascisti". *LD*, IV/165, 22/5/1927. Ver também Pasquale Moretto. "Da Guarantan". *LD*, IV/189, 30/10/1927, e Francesco Frola. "Il fascismo è antipatriótico". *Folha da Manhã*, 22/12/1927.

⁸⁴ É interessante notar como os antifascistas são obrigados, em certos momentos, a se render ao orgulho nacionalista que certas atividades fascistas provocam, e daí fazerem esforços para dissociar fascismo de italianidade. É o que ocorre quando do *raid* De Pinedo, em São Paulo, em 1927, *La Difesa* cumprimenta o aviador pela façanha, mas faz daí um esforço hercúleo para dissociar o aviador De Pinedo do fascista De Pinedo. Vide "Stelloncini Settimanali". *LD*. IV/144, 6/3/1927.

Camaradas fascistas, boicotem a conferência em sinal de protesto aos traidores de nossa Pátria. O Comitê da Seção fascista.⁸⁵

A visualização desse enorme esforço que os antifascistas dispenderam na tentativa de convencer os italianos de seu patriotismo e o seu resultado⁸⁶ nos revelam o quão importante se revelou o fato de o fascismo representar a Itália e parecer ter resgatado o seu orgulho nacional para a difusão do fascismo⁸⁷ e para a criação de dificuldades para o antifascismo.⁸⁸ Registre-se, a propósito, a opinião de Frola a respeito. Ele vai se referir amargamente a este italiano satisfeito com o resgate do orgulho nacional italiano como o ‘fascista de boa-fé’.

⁸⁵ Citado em “I Brasile infrange i tentativi criminosi del fascismo”. *LD*, V/212, 8/4/1928.

⁸⁶ É muito difícil ter conclusões definitivas, a partir do material que estudamos, sobre os resultados positivos e negativos desse trabalho da propaganda do antifascismo. A continuidade do trabalho por anos e anos e a sua importância dentro do quadro de prioridades do antifascismo nos levam a acreditar, contudo, que o antifascismo falhou na sua tarefa de separar o fascismo da italianidade.

⁸⁷ Outro sinal dessa falha aparece no artigo “In margine alla campagna” (*LD*, VI/252, 17/3/1929). Nesse artigo, se descreve uma campanha propagandística desencadeada pelo *La Difesa* e as razões pelas quais várias das pessoas que receberam cópias do jornal o devolveram. Vários alegam motivos de ordem patriótica.

⁸⁸ Philip Cannistraro (*op.cit.*) e Gianfranco Cresciani (“Italian antifascism in Austrália 1922-1945”). Em: Renzo de Felice, *op.cit.*, 143-164) também fazem referência à dificuldade de os antifascistas italianos da Austrália e dos Estados Unidos se livrarem do estereótipo de ‘antiitalianos’ e dos problemas que isso trouxe para a formação de uma base popular antifascista mais ampla, o que revela que esse aspecto do conflito fascismo X antifascismo não foi exclusivo do Brasil.

Ainda nesse sentido, cumpre ressaltar que localizamos, nos jornais das sedes europeias da Concentrazione, diversos exemplos desse mesmo esforço. Mais um indício de que grande parte das lutas e estratégias desenvolvidas pelos antifascistas de São Paulo não reflete apenas a situação local, mas também a internacional. Para a questão do relacionamento internacional dos socialistas italianos de São Paulo, vide nosso texto: “Giustizia e Libertà: militância antifascista e conflito político no Brasil dos anos 30”. *Boletim do Centro de Memória da Unicamp*, Campinas, no prelo.

Em geral, é um bom homem que há trinta anos não vê a Itália e a recorda como quando a deixou, pobre terra sem recursos, que caminhava lentamente no sulco do progresso.

Este duce, que de um golpe se apoderou do timão do Estado (...) atinge profundamente a fantasia do bom homem, que pensa na sua terra distante com um senso infinito de nostalgia.

Ah, agora a Itália não é mais a pequena península, colocada entre os mares, da qual se precisa emigrar em busca de pão. É hoje uma grande senhora, que tem riqueza para seus filhos, e quando o seu líder levanta a voz, todas as potências do mundo se inclinam.

Este é o estado de ânimo que vive no fascista de boa fé. Ele é levado pelas mentiras dos gazeteiros a identificar o fascismo com a Pátria e a acreditar que o fascismo seja o motor, a razão das condições de benessere em que, segundo a propaganda fascista, estaria a nova Itália.⁸⁹

Esse esforço da propaganda antifascista também nos reconfirma como a ação do fascismo e do antifascismo italiano, em São Paulo, não pode ser estudada de uma maneira estanque, dado que a existência de um depende da existência do outro; os discursos e as estratégias usadas pelos antifascistas deixam de ser, assim, curiosidades incompreensíveis para se inserirem num todo coerente, de luta para a conquista da alma e da mente dos italianos de São Paulo.

Finalizando esse segundo item, resta responder a uma questão aparentemente complexa: Tendo em suas visões de mundo e de fascismo muitas proximidades, mas também muitas discordâncias, como explicar que as táticas e as estratégias usadas por Frola, por Piccarolo e por Mariani para reagir ao fascismo sejam tão semelhantes, conforme o observado nesse texto? Poderia parecer uma questão irrespondível, mas ela é, na

⁸⁹ Francesco Frola. "Il fascista in buona fede". *LD*, IV/129, 9/1/1927.

verdade, de resposta bastante simples: Os antifascistas, não importando suas divergências, estão respondendo a um mesmo inimigo, a um mesmo tipo de argumento e discurso. Não surpreende que suas respostas sejam malgrado algumas especificidades tão semelhantes. Podemos perceber, portanto, o que estava em jogo entre fascistas e antifascistas em São Paulo naquele momento e levantar elementos, assim, para a maior compreensão dessa luta.

Conclusão

O desenrolar desse texto nos permitiu conhecer um pouco melhor o 'jogo' que fascistas e antifascistas jogaram no decorrer de diversos anos em busca de respeitabilidade, apoio e aceitação entre os italianos de São Paulo e também com relação à sociedade brasileira como um todo. Nesse exercício, fica claro como os antifascistas italianos tiveram, por mais dedicados e conscientes do que deveriam fazer para desarmar as armadilhas fascistas que fossem, que lidar com um contexto nada favorável à sua ação, e que eles absolutamente não controlavam.

De fato, o governo e a opinião pública brasileira dos anos 1920 e 1930 parecem estar muito mais inclinados a apoiar o fascismo e a Itália do que seus 'filhos rebeldes', sempre vistos, apesar dos esforços em contrário dos antifascistas, como subversivos e perigosos. Isso acontecia claramente com antifascistas italianos que não negavam seu pendor comunista ou anarquista (como Ertulio Esposito, Goffredo Rosini ou Oreste Ristori), mas até mesmo com socialistas moderados e sempre cuidadosos, como Flora,⁹⁰ Piccarolo e Mariani. A mão forte da polícia e a

⁹⁰ Ressalte-se que Flora, no fim do período abordado nesse texto e no posterior, parece relativizar esse cuidado, penetrando mais e mais no mundo da esquerda e do antifascismo brasileiro e tendo papel-chave na criação das duas grandes expe-

falta de apoio público (que a ligação com os socialistas reformistas não podia compensar)⁹¹ estavam sempre sobre eles atrapalhando o esforço antifascista.

Mesmo no interior da coletividade italiana, os antifascistas lutavam com forças difíceis de serem superadas. De fato, sem contar as adesões verdadeiras e conscientes, motivadas por opções políticas claras,⁹² os fascistas parecem ter conseguido, a partir de um certo momento, apresentar a Itália como uma nação renovada e respeitada e associar essa renovação como obra fascista, o que parece ter atraído a maioria da colônia para um apoio difuso que seja, mas ainda assim apoio ao fascismo. O estudo das técnicas usadas pelos antifascistas confirma que eles estavam conscientes de tudo isso e fizeram o possível para superar essas dificuldades. O fato, porém, é que eles parecem não ter conseguido, o que é revelador sobre a inserção social da colônia italiana na sociedade brasileira e sobre a própria guinada à direita dessa sociedade no período entreguerras.



riências antifascistas nacionais: a Frente Única Antifascista e a Aliança Nacional Libertadora, e sendo, por isso, muito visado pela polícia. Vide seu prontuário no AESP/DOPS, citado.

⁹¹ Para essa ligação com esses políticos brasileiros, única que o antifascismo socialista vai estabelecer no período até 1933 (os anos entre 1933 e 1937 são diferentes), vide João Fábio Bertonha. "Entre burgueses e operários: a representatividade social do antifascismo socialista italiano. São Paulo, 1923-1934". *História Social*. Campinas, ano 1, número 1: 117-144, primeiro semestre 1994.

⁹² Como parece ter sido o caso da elite industrial e de parte das classes médias de origem italiana, fortemente pró fascistas.